

# CINEMA

## U CINEMA BAHIANO JÁ É UMA REALIDADE

A Bahia sempre está a oferecer fatos singulares nos seus múltiplos aspectos. O cinema, por exemplo, que há dias passados não passava de sonho de um grupo de jovens bahianos, hoje é uma realidade. Nos seus sessenta e um anos de vida, a arte cinematográfica passou despercebida aqui no nosso Estado. Salvo as experiências de Roberto Filho no gênero documentário e as cine-actualidades de Leão Rozemberg, nada se fez na Bahia pela realização cinematográfica. Mas, eis que de uma hora para outra, mercê três tentativas no campo da produção filmica, encetada por elementos jovens, o cinema bahiano já pode ser encarado seriamente. Na verdade, o grupo da Iglu Filmes, Luis Paulino e Glauber Rocha, respectivamente, com "Redenção", "Rampa" e "Pátio", demonstraram talento e bastante conhecimento da complexa estrutura da chamada sétima-arte.

De "Redenção" já manifestamos a nossa opinião e voltaremos a fazer com mais detalhes no decorrer desta semana. Queremos, hoje, nos reportar às obras de Glauber e Luis Paulino.

"Pátio" e "Rampa" foram mostrados, pela primeira vez, aos bahianos no último domingo, na sessão inaugural da temporada do Clube de Cinema, antes da projeção do belo filme de Fellini "Os Boas-Vidas". E os aplausos que ambos receberam da selecionada platéia que compareceu ao Cinema Liceu, a qual era constituída de cine-clubistas, artistas e os elementos mais representativos da intelectualidade bahiana, foi uma verdadeira consagração.

O filme de Glauber Rocha, como ele próprio afirma, "é uma experiência filmica, com ritmo e a plástica da linguagem do cinema". O jovem cineasta consegue neste filme experimental momentos poéticos admiráveis, extraindo da imagem toda a sua plasticidade e exercendo um completo domínio do ritmo cinematográfico. Evidenciou suficientemente vocação e está a merecer oportunidades mais ambiciosas. Com a cultura que possui e com o conhecimento da linguagem filmica demonstrada em "Pátio", não temos dúvidas em vaticinar para o Glauber um brilhante futuro no cinema nacional.

Luis Paulino deixa patente em "Rampa" todas as qualidades de um exímio documentarista. Narrando em imagens belíssimas um dia de trabalho na Rampa do Mercado Modelo. Com todas as suas peculiaridades e seus aspectos mais pitorescos, usa os recursos do cinema com absoluta segurança. Bem imaginado, notavelmente fotografado e magistralmente musicado, "Rampa" é, sem favor, um dos melhores documentários já feitos no Brasil. O arranjo musical do Prof. Agenor Gomes funciona muito bem como um contra-ponto rítmico. Isto é que um documentário autêntico sobre a Bahia e não aquele absurdo feito por Jean Mazon sob os auspícios da Prefeitura desta Capital. Diante de "Rampa" não podemos ter dúvidas no sucesso de Paulino na longa-metragem, o que se dará muito breve com "Barravento".

O cinema bahiano custou, mas surgiu de modo mais promissor possível. Antes assim. Agora, o que nos resta é apoiar este grupo de jovens porque eles bem merecem. E a Bahia será também respeitada pelo seu cinema.

Hamilton CORREIA